

Despejo pune

CORREIO BRAZILIENSE

20 MAI 1988

invasores em

DF 20 MAI 1988

Planaltina

Os moradores do bairro Nossa Senhora de Fátima, em Planaltina, presenciaram ontem mais uma operação relâmpago para remoção de invasores. Desta vez o alvo foi cerca de 40 barracos construídos nos dois últimos meses e que representavam, segundo o administrador Pedro Mendes, "o ressurgimento da indústria de invasões no DF".

A remoção teve início às 14h e dela participaram a Polícia Militar, funcionários da Administração Regional e do Centro de Desenvolvimento Social, além de fiscais da Terracap. Não houve qualquer resistência dos invasores — a maioria surpreendida — e, por isto mesmo, o que se viu foi uma tímida revolta contra o presidente da Associação Comunitária do bairro.

COMPREENSAO

O trabalho dos funcionários da Administração Regional foi facilitado, em grande parte, pela presença da Polícia e pela compreensão dos próprios invasores. "Ninguém está aqui para enfrentar a lei", diziam antes de iniciarem a derrubada dos barracos. "Se a ordem é para sair, nós sairemos".

A única expressão de reprovação que se ouviu ressaltava uma possível falta de critério para a remoção. "Por que estão derrubando os barracos de uns e deixando os de outros", perguntava Maria de Fátima Ferreira do Nascimento.

"Não são só estes os invasores. Há muito mais", repetia ela a todo momento.

Para o pessoal encarregado da remoção a pretensa falta de critério não passava de pretexto. "Estamos derrubando apenas aqueles barracos cujos donos foram notificados de que teriam um prazo de 48 horas para deixarem o local", informou um funcionário que não quis se identificar.

DESABRIGADOS

O trabalho de remoção, apesar de contar com a boa vontade dos invasores, não primou pela organização. Tanto que não foi possível derrubar todos os 40 barracos e o trabalho terá que continuar hoje de manhã. A presença de funcionários do Centro de Desenvolvimento Social também pouco valeu, pois as pessoas que não tinham lugar para onde ir, desesperavam-se atrás de uma solução.

Luciano Pereira, por exemplo, procurava reunir seus pertences com a ajuda da mulher e dos filhos, ainda sem saber para onde iriam. "Vim para cá há dois meses porque a dona do barraco onde eu morava pediu que eu saísse. Peguei dinheiro emprestado, comprei o material e construí o barraco. Agora estou sem nada e não sei para onde vou", afirmava ele, sem saber que o provável destino seria o albergue de Sobradinho, onde o CDS havia reservado 82 vagas.